



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8230 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 22 - Educação Ambiental

ESCOLA EDUARDO GALEANO EM CAMPO DO MEIO, MINAS: CONTRA A VIOLÊNCIA NO CAMPO E POR UM PROJETO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO CAMPO

Jacqueline Magalhães Alves - Universidade Federal de Lavras

ESCOLA EDUARDO GALEANO EM CAMPO DO MEIO, MINAS: CONTRA A VIOLÊNCIA NO CAMPO E POR UM PROJETO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, NO CAMPO

A história é um profeta com o olhar voltado para trás: pelo que foi, e contra o que foi, anuncia o que será.

Eduardo Galeano

As veias abertas da América Latina (1970, p.15)

Escrever sobre o Movimento dos Sem Terra – MST, significa falar do direito à vida e à terra; falar de luta, de agroecologia, de produção saudável, coletiva e para o coletivo, de saberes de gerações, da relação universidade-sociedade, de educação.

As ocupações de terra em Campo do Meio, MG, datam de mais de 20 anos, quando da falência da usina de cana de açúcar na Fazenda Ariadnópolis, por não pagamento de impostos e de trabalhadores/as, levando muitos destes trabalhadores a ocuparem a terra, como forma de recuperar seus pagamentos.

Recentemente, em período da pandemia Covid-19, as famílias receberam a truculência do governo federal e estadual, por meio do envio de força militar com ordem para desocupar a área. Foram 60 horas de muita pressão e ataque, enfrentadas com muita luta, organização, apoios nacionais e internacionais. Após queimar e destruir plantações, e retirar oito famílias e seus pertences de suas casas no território, a polícia se retirou.

Marca dessa ação truculenta foi a derrubada, logo no primeiro dia, da Escola Eduardo Galeano. Um ação que fere e inquieta, por refletir a atual condição política que vivemos: total ausência de políticas para a educação, saúde e trabalho, sem nenhum respeito e valor à cultura. Cultura também produzida pela discussão e conquistas de uma Educação do campo,

no campo (CALDART, 2009).

Para tal memória e produção de nossa pesquisa com o MST em nossa região, de grande relevância para a visibilidade e enfrentamento a tais questões, temos por base a metodologia qualitativa – análise documental – Jornal Brasil de Fato, e entrevistas – pesquisa narrativa (TEIXEIRA e PÁDUA, 2006). Assim, partimos da história pela educadora Rosa Helena, como centro desse texto-reflexão:

Estou aqui desde 2011. Conheci o MST me envolvendo no Coletivo de Mulheres. Souberam que era professora e disseram que eu podia contribuir no Setor de Educação. Venho tentando, conhecendo, aprendendo o que é o MST. A gente diz que a formação de um militante é na participação de uma ocupação de terra. Particpei da ocupação de dois acampamentos. Fomos fortalecendo o Setor de Educação. Conseguimos construir Seminário de Educação aqui, Seminário de Agroecologia e saímos pra estudar – Pedagogia do Movimento e outros. Conseguimos várias Escolas em Minas e fizemos levantamento da demanda. Conseguimos fazer matrícula de 60 educandos pra EJA. Muito trabalho de base, conversas com acampados pra mostrar a importância da alfabetização, dos princípios do MST - todo camponês precisa ser alfabetizado pra ter consciência sobre todos os direitos e pra fazer luta. Conseguimos também inaugurar em 2016 duas salas de EJA - nossa Escola Eduardo Galeano era Escola anexa da Escola da Cidade porque não tínhamos quantidade de alunos pra ser uma Escola autônoma. Nós tivemos vários problemas por ser uma Escola anexa. Nossas áreas são muito extensas, quase 4000 hectares de terra e nossos educandos, pra se locomoverem até a Escola, não tínhamos o transporte escolar que a Prefeitura nunca nos apoiava.

No ano seguinte conseguimos uma demanda de uma sala de 8º ano do Ensino Fundamental II e a nossa alimentação também nunca chegava, era uma dificuldade. Então, os próprios educandos e comunidade, os pais, traziam frutas... No fim era mais rica. Não servíamos merenda só pros nossos educandos, nossa Escola era aberta pra formação. Então, nós tínhamos oficinas que aconteciam durante o período pra comunidade... fizemos fossa ecológica, cursos de recuperação de nascente e as aulas teóricas eram feitas na Escola, práticas na Escola ou no acampamento, no lote de algum companheiro. Tivemos duas turmas formadas de técnico agrícola pelo IF de Machado aqui na Escola que estava aberta, a Eduardo Galeano. Tivemos turma de donos de lotes que fizeram o curso e o Trabalho de Conclusão foi realizado com a demanda da comunidade. Foram vários títulos e foi apresentado lá na nossa Escola, nós construímos como se fosse um Circuito e todos os alunos apresentaram e fizemos um grande dia de apresentação de trabalhos na Escola. A nossa turma de EJA que conseguiu concluir o correspondente ao 9º ano do Ensino Fundamental, eles pediram que a formatura não fosse no anfiteatro da Prefeitura, fosse na Escola. Então, fizemos com a nossa mística, com a nossa ornamentação, com as lembrancinhas feitas da maneira da Educação do Campo e foi muito bonito, com a presença dos professores, dos pais, e também de alguns convidados que estavam participando de JURA.

Assim que entrou um novo governo, fechou nossa Escola. Já tínhamos feito designação de professores, a matrícula dos alunos... mas, eles chamaram uma reunião e falaram do fechamento de nossa Escola e que nossos alunos iam ser remanejados pras outras salas, eles se dividiram nas outras salas. Mas, nossa turma de EJA não quis. Diziam que nossa casa é aqui, na roça, no campo, nosso tempo é aqui, não tem porque a gente ir estudar na cidade. Mas, nossa formação, reuniões de Núcleo dos acampamentos, nossa formação do nosso povo, da nossa militância continuou, nossa Escola continuou funcionando pra nós - encontros, ciranda, festa junina, outros eventos que a gente costuma fazer, de comemoração, fim de ano... nossa Escola continuou... o espaço físico e a Escola como a gente entende, de formação de educação do Campo, do MST.

Na história de vida aqui trazida encontramos toda a complexidade da produção da vida nesses territórios, tendo aqui a educação um grande destaque como forma de dar significado, produzir a vida, produzir consciência individual e coletiva, que possibilita gerar a sustentabilidade da produção, a educação dos sem terrinha, da juventude e dos adultos que aí vivem, como sujeitos do processo educativo (ARROYO, 2007). Reflete-se uma experiência que tem muito a nos ensinar na busca pelo conhecimento e pelas transformações em nossa sociedade. Para isso, revelam-se fundamentais as articulações entre Educação Popular, Educação Ambiental e Movimentos Sociais.

Reaproximar-nos dessa história e dessa coletividade possibilita novos trabalhos - é um criar e recriar de projetos de pesquisa e comunicação/reciprocidade (FREIRE, 1987), que desenvolvemos desde o final dos anos de 1990 quando realizávamos os Estágios de Vivência, que se transformaram, em certa medida, nas JURA – Jornadas Universitárias em apoio à Reforma Agrária, encontros que tem possibilitado ricas interações, estudos e manifestações culturais.

Después de reconstruir las casas de las familias desalojadas, los sin tierra levantarán nuevamente la Escuela Popular Eduardo Galeano. (BRASIL DE FATO, 2020)

Um dia nós vamos ocupar tudo isso aqui e construir uma universidade.
(Nicolas, 11 anos, morador do Quilombo)

Nesse processo, na Universidade, temos muito a ouvir e aprender, para, assim, estar junto!

Palavras-chave: Movimentos Sociais. Educação Popular. Educação Libertadora.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. Políticas de formação de educadores(as) do campo. **Caderno CEDES**, Campinas. vol. 27. n. 72. p. 157-176. maio/ago. 2007

CALDART, Roseli S. Educação do Campo: Notas para uma análise de percurso. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35 -64 , mar./ jun. 2009

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. São Paulo: Paz e Terra. 1987

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1970.

Sin-tierra-en-brasil-prometen-colocar-de-nuevo-cada-ladrillo-destruido-en-desalojo.
<https://www.brasildefato.com.br/2020/08/20/> Acesso em 20 de setembro de 2020.

TEIXEIRA, Inês A. de Castro e PÁDUA, Karla Cunha. Virtualidades e Alcances da Entrevista Narrativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, II, 2006, Salvador. *Anais ...* Salvador: UNEB, 2006. 1 CD-ROM.